



## O que “eles” sabem, o que “eles” não sabem que sabem e o que “eles” não sabem

O karaté-Dō é, acima de tudo, uma manifestação cultural. Ainda que tenha chegado ao ocidente, após a 2ª Guerra Mundial, sob a forma de modalidade de luta, a interação entre os lados do mundo permitiu-nos perceber, ao longo dos anos, que seria impossível praticá-lo e, menos ainda, entendê-lo sem a exata compreensão de suas raízes teosóficas, da cultura (de Okinawa e do Japão), da forma de ser, dos valores e princípios, da postura, da história, enfim, de tudo que diz respeito a uma cultura em suas multifacetadas dimensões.

A técnica dos movimentos não passa de veículo de manifestação cultural. Daí as preocupações estéticas e éticas, a compreensão dos valores e a situação histórica. Frequentemente, a quem pensa sobre o fenômeno, ocorre interpretações aparentemente novas, mas que já foram preocupações antigas de quem concebeu esse complexo sistema de autoconhecimento.

É claro que a arte se expande, podendo ganhar dimensões muito diversas, todas elas nutridas pela mesma raiz. O desporto que se espalhou pelo mundo, nas suas mais diversas expressões, tem origem no mesmo sistema com vocação educacional e, mais acima, na altura do autoconhecimento, propondo-se a responder às mais elevadas indagações que ao ser humano acomete: afinal quem somos?

A interpenetração entre o universo do praticante com a bagagem cultural da arte é o que de melhor esta tem a oferecer àqueles que dela se abeberam. É necessário compreender as origens dessa peculiar fenomenologia para aplicá-la à vida corrente de todos aqueles que a ela se dedicam.

Por primeiro, portanto, convém receber o ensinamento daquilo que os orientais sabem, querem e podem transmitir. Não se trata de pouco material especulativo. Essa tradição, no que ela tem de explícita, é aluvião inesgotável de descobertas, nas diversas leituras que os ensinamentos disponíveis podem ter. O praticante mediano – talvez – jamais conseguirá ir além disso, mas se o fizer com convicção terá andado muito em direção ao seu interior e à compreensão da natureza humana.

Para além dessa recepção dos conhecimentos disponíveis e ensinados, está aquilo que os originais não sabem que devem transmitir, mas o fazem na forma de agir e pensar. Nesse espaço especulativo estamos mais abaixo da dinâmica e multidimensional superfície daquilo que é possível aprender porque é ensinado. Aqui, o praticante – provavelmente já professor – deverá observar o fenômeno mais a fundo, e entender aqueles aspectos da cultura nipônica



que impregnam a ação humana que veio de lá, isolando-os para o fim de identificá-los e, assim, otimizá-los em proveito próprio e dos demais que o cercam.

Nessa categoria estão os elementos relativos à conduta e à postura que não podem ser ensinados, senão absorvidos por aqueles que imergem na cultura, mesmo que à distância. Esses elementos culturais, na forma de agir e de ser, não são intrinsecamente bons ou ruins, mas representam influência fundamental ao fenômeno que na mesma cultura germinou e floresceu. Será possível entender que as mãos são nuas, que a coluna é ereta, que o semblante não pode ser interpretado. O cenho é franzido e o treinamento é duro, como a vida.

É necessário extrair esses aspectos do montante cultural que subjaz a essa manifestação. Sua prática não será verdadeira sem que todos os elementos possam ser sentidos e compreendidos. Compreende-se um povo pelo que é e pelo que foi, por seus valores e sua história. Pouco ou nada se poderá retirar de sua cultura sem essa prospecção.

Por fim, o que sobra é o porvir. Quanto já temos disponíveis os registros midiáticos espalhados pela rede de computadores, é possível perceber que o karatê-Dō não é hoje o que sempre foi. Como qualquer manifestação cultural transforma-se com o tempo, adquirindo novas feições e colorido, ao sabor das circunstâncias, do local e dos valores que a influenciam.

O terceiro estágio da compreensão está exatamente naquilo que a arte poderá significar, e não somente em seu apuro técnico, na intersecção com outras artes ou formas de vera realidade, na constante experimentação, mas em suas aplicações ainda não descobertas.

Esse universo segue inexplorado, embora já seja possível divisar, por entre as frestas do futuro, suas enormes possibilidades.